

ADRIANA FELLIPELLI

AUTOCONHECIMENTO
PARA UM
MUNDO MELHOR

Reflexões sobre **Liderança,**
Desenvolvimento Humano
e **Capitalismo Consciente**



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2020

Sumário

<i>Prefácio</i>	<i>ix</i>
O que é conhecimento?	x
Mas onde está o conhecimento?	x
Mas onde está a mente?	xi
Mas o que é o eu?	xii
Mas o que é autoconhecimento?	xiv
Referências:	xvi
1. Por que o autoconhecimento é essencial?	
O porquê deste capítulo	1
Conhecer-nos é penetrar fundo em nossos pensamentos	2
Nosso cotidiano atribulado é um obstáculo ao autoconhecimento	4
Nosso processo de individuação	5
Não confie apenas no saber que adquire formalmente	7
O que este livro contém	9
2. Escolhendo trabalhar com as pessoas	
O porquê deste capítulo	13
Problemas pessoais de ontem e de hoje	15
Meu trabalho e o estado de “fluxo”	16
Aprendendo para a vida na adolescência	17
Ingressando na vida profissional	20
Empatia e assertividade como qualidades	22
Os riscos de sentir a dor do outro!	26

3.	Decidindo ser empresária	
	O porquê deste capítulo	29
	Descobrimo os instrumentos de assessment	31
	A descoberta do MBTI®	32
	A experiência de ser uma empresária	33
	Empresária vs. Executiva	34
	O que você faz quando não está feliz com seu papel executivo?	37
	De novo empresária!	40
4.	Todo empresário deve crer em algo maior!	
	O porquê deste capítulo	43
	Que é <i>assessment</i> ? De onde vem? Como surgiu?	45
	A Fellipelli, empresa dotada de um sentido	47
	Parcerias internacionais	49
	A "feminização" da gestão	52
	O ser humano está evoluindo!	54
	A necessidade da busca incessante pelo autoconhecimento	57
5.	Bem-vindo à Era do Capital Humano!	
	O porquê deste capítulo	61
	Nasce o operário	63
	O chefe de pessoal	65
	As relações industriais	67
	Os desafios da área de Recursos Humanos	70
	A gestão do capital humano	74
	Inteligência Emocional e desenvolvimento humano	77
6.	De que precisamos para ter um mundo melhor?	
	O porquê deste capítulo	83
	Um mundo coletivamente melhor...	84
	... Seria mesmo possível?	87
	Um Novo Iluminismo	89
	À procura da felicidade	93
	Os avanços científicos e tecnológicos	95
	Um capitalismo que leva em conta o homem	97
	Ensinamentos fundamentais de Jung	101

7. Neurociência: via para o conhecimento do conhecimento	
O porquê deste capítulo	107
A mente e a consciência	111
Ciência cognitiva ou neurociência? Ambas!	114
Breve história do estudo do cérebro	116
A velha e boa alma...	118
... e sua versão terrena!	121
A energia que move a mente do homem	123
A arquitetura do cérebro	129
O que a neurociência nos trouxe	133
Nossos erros de percepção	137
O que impulsiona nosso comportamento social?	141
Mudando o mindset	144
O homem altruísta	146
8. Inteligência Emocional e Liderança	
O porquê deste capítulo	151
A Inteligência Emocional, o EQ-i 2.0® e suas cinco dimensões	152
A avaliação da felicidade pelo Modelo EQ-i 2.0®	159
IE e comparações entre gêneros	162
IE e empatia	170
IE e responsabilidade social	174
IE e Liderança	176
9. Um mundo em transformação	
O porquê deste capítulo	183
Os empregos não são mais o que eram	184
A Quarta Revolução Industrial	187
O rentismo e a crise	193
A desigualdade no mundo	195
Como enfrentar a desigualdade?	201
Os cinco pilares do capitalismo consciente	205

10.	Autoconhecimento para um mundo melhor	
	O porquê deste capítulo	211
	Podemos confiar no progresso	213
	Conjecturas sobre o saber e a ignorância de ontem e de hoje	215
	A lição que vem da Grécia	222
	Refletindo sobre o inconsciente	224
	A educação para a autoconsciência conforme Naranjo, Barrett...	229
	... e conforme Ken Wilber	231
	Em busca do autoconhecimento	235
11.	Lições do Eneagrama	
	O porquê deste capítulo	241
	O Eneagrama: legado inestimável de nossos antepassados	242
	O Eneagrama das Emoções	248
	O Eneagrama da Personalidade	254
	A “Lei do Três”	256
	Guia para entender as patologias emocionais	258
	Eneagrama + MBTI	262
	Ouspensky e os níveis de consciência	264
	Retornando ao tema central: o autoconhecimento	268
	O “observador interno”	271
12.	Instrumentos de Diagnóstico	
	Gestão inteligente das emoções	273
	<i>Anexo</i>	273
	Assessment e autoconhecimento	275
	Os melhores instrumentos de <i>assessment</i>	277
	<i>Encerramento</i>	291
	Evoluir dói!	291
	<i>Referências bibliográficas</i>	295
	<i>Índice</i>	301

1

Por que o autoconhecimento é essencial?

Aquele que conhece os outros é sábio. Aquele que conhece a si mesmo é iluminado.

Lao Tsé

O porquê deste capítulo

Conhecer a si mesmo nunca foi uma tarefa fácil, muito ao contrário. E, com o passar do tempo, com as experiências de vida que vamos tendo, os afazeres, as responsabilidades, as distrações somando-se umas às outras e ocupando nossa memória, cada vez temos mais conteúdo mental a processar a partir de situações novas que vamos vivendo, e, com isso, mais complexas e multifacetadas se tornam nossas imagens

mentais. Cada vez mais, portanto, vão se sofisticando os modos de elaborarmos nossas próprias narrativas na vida, especialmente se somos pessoas que dedicam algum tempo, cotidianamente, a pensar, a refletir sobre o que se passa conosco e com o mundo.

Torna-se, então, mais difícil, com uma vida mental algo mais rica de conteúdo, definirmos quem realmente somos em uma descrição que possa ser razoavelmente adequada. Porque, como escreveu Mário de Andrade em seu poema de 1929, depois de tanto viver e pensar, eu já não sou uma só pessoa: de fato, “Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta”! [E, em mim] “As sensações renascem de si mesmas sem repouso”!

Mas, felizes daqueles que podem ter esse “problema”, que decorre de certa riqueza interior, que é ao menos um pouco acima da média. Porque a maioria das pessoas, infelizmente, não é assim: reflete pouco, pouco raciocina sobre as coisas importantes da vida, mergulhadas no senso comum e na superficialidade. Que pena!

o o o

Conhecer-nos é penetrar fundo em nossos pensamentos

Édipo Rei é uma imortal peça de teatro que Sófocles escreveu por volta de 427 a.C. Em sua *Poética*, Aristóteles a considerou “o mais perfeito exemplo da tragédia grega”. Séculos mais tarde, Freud tomou-a como metáfora para explicar um dos conceitos basilares da psicanálise: o complexo de Édipo.

Em *Édipo Rei*, a Esfinge, um terrível e indestrutível demônio com corpo de leão e cabeça humana, ameaça os viajantes que passam por Tebas, exigindo que respondam a um enigma, sob pena de perderem a vida. “Decifra-me ou te devoro!”, adverte-os. E, em seguida, lhes apresenta o tal dilema: *Que criatura tem quatro pés de manhã, dois ao meio-dia e três à tarde?* Quem erra ao responder é sumariamente executado.

Submetido ao desafio, Édipo responde certo, mata a Esfinge e se salva, assim como à cidade de Tebas, onde entra, aclamado como herói.

Qual é a resposta certa ao enigma imposto pela Esfinge aos viajantes que passam por ali? *O Homem!* Sim, o ser humano é quem tem quatro “pés” na infância, quando

engatinha; dois na vida adulta; e três na velhice, quando, já caminhando tropeçadamente, usa a bengala para auxiliar os pés cansados.

Belo mito! Porém, o mundo de Tebas, Édipo e a Esfinge não existem mais. Atualmente, os perigos que temos de enfrentar — viajantes que somos nesta nave Terra — não mais se concentram em um só lugar (como Tebas), ou em um único obstáculo (como a Esfinge). De fato, inúmeros desses monstros hoje se acercam de nós e nos ameaçam, vindos de todas as direções (inclusive pela internet, virtualmente, pela nuvem)!

Também nossos enigmas na vida são muitos, não mais apenas um único problema básico a ser respondido. Ao contrário, somos o tempo todo confrontados com variados dilemas, continuamente trazidos por surpreendentes transformações que se dão em nosso entorno. Nada é certo atualmente, neste mundo complexo — “tudo que é sólido desmancha no ar”, nos adverte Marshall Berman, ecoando uma conhecida fala de Marx, os poemas em prosa de Baudelaire, a ficção de Dostoiévski e as vanguardas artísticas da primeira metade do século XX.

E, “desmanchando-se no ar”, tudo à nossa volta (e mesmo o que se encontra *dentro* de nós) se torna... “líquido”: a modernidade, a sociedade, a vida, os tempos, o medo e até o amor!

A solução dada ao outrora grande e único enigma da Esfinge pode ser considerada hoje, no mínimo, ingênua. Para a Esfinge, conhecia-se suficientemente o homem compreendendo-se as reações de seu corpo ao longo da vida: o corpo na infância, na maturidade, na velhice...

Isso talvez fosse válido quando ainda nem se cogitava a existência de uma mente humana; o que havia em lugar dela era tão somente a *psique* — isto é, a “alma”, que estava inteiramente a serviço dos deuses: para os gregos (algo que seus filósofos das várias correntes de então brilhantemente questionaram), o homem não pensava: tudo que pudesse vir a conjecturar não passava de reflexos implantados em sua cabeça pelo Olimpo!

Acha que não? Pois veja: quando valorizaram tanto esta máxima — “Conhece-te a ti mesmo” —, propositalmente dada mais atrás como epigrafe, os gregos de fato davam a impressão de estar valorizando o autoconhecimento. Porém, trata-se de um engano, pois a frase está incompleta. O que ela realmente diz é: “Conhece-te a ti mesmo *e conhecerás os deuses e o universo*” (o destaque é meu). Ou seja, para os gregos, conhecer-nos significava apenas conhecer as ideias e sentimentos que *os deuses* teriam inoculado em nós, dos quais nem mesmo éramos donos!

Mas, e hoje? Atualmente, cada um de nós precisa ser capaz de pensar muito e entender melhor o que está acontecendo neste mundo — estamos nele literalmente por conta própria, pois “os deuses” já nada têm a ver com isso! Em outras palavras, conhecer-nos consiste em perceber claramente quais são *ossos* pensamentos, sentimentos e comportamentos — e chegar ao porquê deles — nas mais variadas situações. Conhecer-nos é penetrar fundo no âmago de nosso próprio *Self*.

E por onde começar a fazer isso?

o o o

Nosso cotidiano atribulado é um obstáculo ao autoconhecimento

Em sua caminhada ao longo dos séculos, a humanidade sempre questionou sua essência, sua origem, seu destino. E suas tentativas de responder às grandes dúvidas existenciais tipicamente foram feitas com o homem recorrendo a narrativas fantásticas, a lendas e mitos. Aos questionamentos mais cruciais na vida de nossos antepassados, que tanto os angustiavam, eles tentavam responder, portanto, por meio de relatos figurativos e simbólicos, que podiam proporcionar, é verdade, algum alívio ou conforto psíquico, mas que significavam, em última análise, uma vida pautada por um permanente clima metafísico e misterioso de autoengano.

Não dá mais para ser assim. Atualmente, a jornada em busca do autoconhecimento está inexoravelmente ligada a um entendimento do indivíduo por ele próprio, o que exige de cada um de nós muita disposição pessoal e muito trabalho para ir além do mero senso comum, das impressões triviais, até chegar a uma efetiva Autoconsciência. “Quem olha para fora sonha; e quem olha para dentro desperta”, disse o grande pensador suíço Carl G. Jung.

Porém, um enorme obstáculo a isso é o cotidiano atribulado que vivemos, e que não nos reserva tempo para esse necessário olhar introspectivo à procura de nossas próprias razões. Em um contexto atual, dada essa total carência de tempo, essa permanente pressa que toma conta de nós, nos compreendermos é uma operação intelectual que oferece um desafio muito maior do que em qualquer outro momento da história da humanidade — um obstáculo que alguns acreditam ser praticamente intransponível. Frequentemente somos tomados por uma autoimposta incapacidade de progredir nessa direção, uma espécie de inércia existencial, estado d’alma que

nos prostra e desencoraja, deixando-nos sem energia para seguir em frente. Nessas circunstâncias, como é possível que alguém venha realmente a se conhecer?

Acredito firmemente que estabelecer uma efetiva e consciente conexão com nosso “eu interior” é o principal meio para decifrarmos a nós mesmos — requisito essencial para agirmos e gerarmos as condições minimamente necessárias para uma vida mais equilibrada e produtiva. Seja no âmbito pessoal, seja no profissional ou no social, o autoconhecimento deve passar a ser, assim, um processo permanentemente vivenciado. O investimento em si mesmo é, sem sombra de dúvida, o maior investimento que alguém pode fazer na vida.

Nas próximas páginas, exponho algumas teses importantes sobre isso, sempre relacionando-as à minha vida pessoal e com as técnicas e abordagens em que acredito e que utilizo em meu trabalho.

o o o

Nosso processo de individuação

Este livro começou a ganhar forma em minha mente já há algum tempo. Mas, naqueles primeiros momentos, ainda não era tão nítida minha disposição para anotar e colocar no papel estas ideias. Elas certamente chegavam a mim como sempre, mas, em geral, vinham na forma de imagens esparsas, de clarões, de reflexos de percepções já tidas anteriormente, de sentimentos desconfortáveis, de um ou outro *insight* e de algumas descobertas que me pareciam originais e dignas de ser reveladas... Mas, a princípio, esses “objetos mentais” não pareciam poder se encadear de uma forma lógica, ou ter suficiente valor para que viessem a ser reunidos, dando corpo a alguma teoria ou abordagem razoavelmente consistente, que configurasse um discurso aceitável, com começo, meio e fim.

Ainda assim, eu sabia (na verdade, é algo que fui percebendo cada vez mais) que, afinal de contas, tinha ali, sim, o embrião de um discurso a apresentar, algo que eu poderia compartilhar — ou, mais do que isso, algo que merecia ser compartilhado. Afinal, tudo aquilo era produto genuíno de um conhecimento pessoal adquirido ao longo de uma apreciável trajetória pessoal e profissional, dedicada àquilo que nós, psicólogos, chamamos genericamente de Desenvolvimento Humano — ou o que, em sua *Psicologia Analítica*, Jung chamou de “processo de individuação”: o processo pelo qual todos passamos e que, idealmente, deve resultar na constituição de um ser

humano reconhecível em si mesmo como tendo uma subjetividade própria e única (daí ser chamado de *(in)divíduo*, isto é, aquele que não pode ser dividido em partes).

Prezo muito essa noção junguiana de um “processo de individuação”, que foi, aliás, especialmente importante na produção deste livro. Esse processo foi uma das “âncoras” teóricas que utilizei e à qual retornarei com alguma frequência neste livro.

Para Jung, nascemos e vivemos envoltos em padrões e crenças predeterminadas, que nos informam sobre o que devemos considerar certo ou errado, ou quais caminhos devemos seguir para sermos bem-sucedidos e felizes.

Com o passar dos anos, nos acostumamos tanto a seguir esse modelo que nos é socialmente imposto, que não mais o questionamos. Passamos a acreditar que somente seremos aceitos, amados e realizados caso cumpramos o rito estabelecido. Todavia, Jung nos mostra que isso é falso: compreender o verdadeiro propósito da vida requer que o indivíduo de fato *saia* do molde, ao invés de permanecer preso a ele, buscando fora o autoconhecimento.

Jung fez isso! Quando percebeu que estava sendo instado a conformar-se ao molde (ainda que fosse aquele um molde novo e inegavelmente fascinante), ele tratou logo de escapar, indo em busca de sua própria verdade. Assim, dissentiu de Freud e fugiu às ideias do mestre, mesmo quando era visto por este como seu discípulo mais brilhante, mais dileto e mais promissor. E, assim liberto, Jung desenvolveu suas ideias originais, que resultaram na rica e instigante escola da Psicologia Analítica.

Jung considerava que a individuação se dá num processo profundamente introspectivo, ao longo do qual nos confrontamos com antigos temores, pensamentos atávicos e estranhos sentimentos ocultos. Somente quando o indivíduo envereda por essa trilha é que ele consegue fazer com que sua vida passe a ser regida por ele mesmo e com maior sabedoria, descobre estar nas profundezas do próprio *Self* (o Si-mesmo), centro irradiador do melhor que existe no universo e em cada um de nós.

Esse *Self* é uma entidade complexa, difícil de definir; representa uma espécie de “divindade interior” em cada um de nós, uma *Imago Dei* (imagem de Deus)! Individuar-se é convocar nosso Ego — a consciência, que se encontra na superfície de nós — para que vá ao encontro desse núcleo especialíssimo, pelo que nos é possível explorar conteúdos inconscientes até então inacessíveis; e, fazendo-o, nos é possível, agora, conquistar uma inédita autonomia, que nos permitirá, como indivíduo, constituir-nos em uma totalidade psicológica única e autoconsciente.

Nas palavras de Jung, “trata-se de fazer uma profunda reflexão sobre si mesmo, de concentrar aquilo que, dentro de si, acha-se até então ainda disperso, e cujas partes nunca foram adequadamente colocadas em uma relação de reciprocidade”.¹

Jung conclama cada ser humano a tomar para si essa missão como sendo a mais importante. Para ele, a individuação de cada um é tão vital, que, à medida que quantidades cada vez maiores de pessoas decidam enveredar por esse processo, mais claramente acabará se delineando um novo horizonte para o destino da própria humanidade.

Nesse processo de individuação, nossos medos, nossas dificuldades e angústias terão de ser encarados desassombadamente e explorados, a fim de podermos encontrar sua raiz ou origem. Essa é, para Jung, a única forma válida para se desenvolver uma personalidade integrada, livre das amarras das influências externas e do domínio do Ego.

Destaco essa, portanto, como sendo uma das principais bússolas teóricas que uso neste livro. Quanto às demais, eu as irei apresentando ao longo do texto.

o o o

Não confie apenas no saber que adquire formalmente

Mas preciso advertir que o saber que acumulei ao longo destes anos, até o presente, não é de natureza acadêmica ou teórica, pelo menos na maior parte. Ao contrário, ele é fruto, principalmente, de vivências, observações pessoais e um intenso uso da intuição em meus próprios processos de vida; é um saber que resulta, mais que qualquer outra fonte, da aplicação que faço de um elenco de técnicas que foram desenvolvidas ao longo da trajetória de várias gerações de profissionais que me antecederam, bem como dos resultados que estes observaram em situações muito práticas, algumas das quais eu mesma pude observar.

A vida é um eterno aprendizado, e na revolução 4.0 ninguém pode se dar ao luxo de parar de aprender.

¹ JUNG, C.G. *Psicologia da Religião Oriental e Ocidental*. Petrópolis: Vozes, 1983.

Mas de modo algum estou dizendo que o saber teórico não tem valor ou pode ser substituído. Ao contrário, ao longo dos anos, aprendi a também priorizar e valorizar importantes conhecimentos que constavam do arcabouço teórico que me foi transmitido nos anos produtivos que passei cursando a faculdade.

E, depois de formada, tive a oportunidade de usar muito desse conhecimento especializado na aplicação de técnicas com que minha equipe e eu trabalhamos em nossa atuação junto a pessoas, grupos e corporações.

Gradativamente, fui conhecendo os efeitos positivos dessas práticas e passando a confiar cada vez mais nelas. São altamente eficazes em diagnosticar disfunções comportamentais e corrigi-las, em promover o autoconhecimento nas pessoas e em induzi-las a buscar, por vias adequadas, seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional.

Todavia, aprendi a enxergar também muita validade em outras propostas, que foram se somando àquelas anteriores, no enriquecimento de nossas sistemáticas de trabalho. Essas propostas vieram de outras fontes, posteriores àquelas que estavam disponíveis quando as estudei na universidade, ou então chegadas a mim por vias mais recentes, frequentemente baseadas em novos campos do saber — que eu nunca poderia me dar ao luxo de simplesmente “deixar para lá”.

Temos de ser seletivos e ter um olhar crítico na escolha de teorias e técnicas que empregaremos no trabalho, mas precisamos, ao mesmo tempo, ser capazes de “separar o joio do trigo”. Isso quer dizer que não podemos estagnar no uso continuado dos mesmos recursos, somente porque deram certo no passado, e nem abandoná-los em favor das novidades que surgirem, simplesmente pelo fascínio que exercem. Temos de escolher o melhor, de ontem e de hoje, sempre abertos, ponderadamente, às inovações.

É salutar que o ser humano tipicamente não aceite ser contido por barreiras, obstáculos ou limitações em sua sede de saber. Assim, ele estará sempre buscando estender para a frente os horizontes com que se depara. Outra decorrência importante disso é a de que a superespecialização torna-se, na realidade, uma ficção, pois sempre haverá mais a descobrir sobre qualquer assunto com que se trabalhe. Esses assuntos estarão sempre se conectando uns aos outros, continuamente borrando os limites que teimamos em criar para eles.

o o o

O que este livro contém

Este livro é composto de 11 capítulos e um Anexo. A temática varia, de um capítulo para outro, mas todos eles giram em torno do assunto central do livro, que é, como sugere o próprio título, o autoconhecimento.

Procurei não me afastar muito dessa temática, embora a vastidão de associações entre as ideias que esta permite desenvolver me convidasse, frequentemente, a fazer isso. Mas somente me permiti enveredar (ocasionalmente) por alguns temas complementares quando entendi que contribuiriam diretamente para um melhor entendimento da problemática do autoconhecimento.

Mesmo nesses assuntos paralelos, entretanto, a importância que dou ao autoconhecimento fica patente, penso eu. Procuo, aliás, constantemente enfatizar, nos vários capítulos, duas mensagens centrais sobre autoconhecimento, que para mim são muito claras e necessárias: a primeira é a de que somos nós mesmos os responsáveis por nosso autoconhecimento, e a segunda é a de que o autoconhecimento antecede o conhecimento que podemos ter sobre o mundo: quanto melhor nos conhecermos, mais nos capacitaremos a entender o que se passa ao nosso redor.

Nos Capítulos 2, 3 e 4, procuro contar, sem entrar em detalhes desnecessários, como foi até aqui minha trajetória. Sem falsa modéstia, penso que sou um bom exemplo de profissional que, desde cedo, se interessou em se conhecer bem como pessoa, como estudante, como profissional. E penso que, me dedicando a saber mais de mim mesma, acabei entendendo quanto isso ampliaria minhas chances de vir a melhor conhecer também as outras pessoas que me rodeiam, com quem convivo e trabalho, em particular nos ambientes empresariais. Nesses três próximos capítulos, portanto, mostro (espero que com suficiente clareza) o que me levou à decisão de me tornar uma psicóloga e, mais tarde, uma empresária.

Acredito que ficará bastante claro, igualmente, o porquê de eu ter me interessado especificamente em desenvolver projetos como estes com os quais trabalho: Assessment e Coaching. Isso veio, sem dúvida, de uma das primeiras e mais caras descobertas que fiz sobre mim mesma: a de que minha grande paixão seria mesmo trabalhar com as pessoas.

Sinceramente, penso que sou uma profissional privilegiada, não só por saber bem o que desejo de meu trabalho, porém, mais do que isso, por ter tido a chance de efetivamente encontrar minha realização pessoal nessa área! De fato, eu soube, desde logo, que queria ajudar as pessoas a se conhecer melhor e, por meio desse autocon-

nhecimento, passar a atingir níveis mais e mais elevados de desempenho em seus próprios trabalhos.

Após ter falado de meu trabalho, em seguida, no Capítulo 5, eu não poderia deixar de discorrer sobre o contexto em que o faço: o ambiente de RH das empresas. É assim que dedico esse capítulo à área de Recursos Humanos, contando ao leitor como ela surgiu e evoluiu, paralelamente à evolução da gestão de empresas e, especialmente no Brasil, ao amadurecimento tardio de nosso capitalismo.

Altero um pouco a orientação que dou ao nosso tema no capítulo seguinte, para falar, agora, do... mundo! Penso que o Capítulo 6 será considerado instigante pelo leitor. Nele, contrariamente à onda de pessimismo que estamos vendo acontecer no Brasil e no mundo nos anos recentes, trato de externar minha convicção de que, se olharmos em uma perspectiva de longo prazo, o mundo não está se tornando um lugar pior para se viver, e sim um lugar... *melhor!* Para poder dizê-lo, apoio-me em renomados autores, entre os quais destaco o pensador australiano Steven Pinker, mundialmente conhecido e autor de um texto recente (citado na bibliografia) sobre um “novo” Iluminismo que se irradia no mundo. Penso que o leitor gostará de refletir também sobre esse ponto de vista menos comum.

Preciso dizer algo mais sobre o porquê de ter decidido entrar nesse tema, e a razão é, no fundo, bem simples: em grande parte, somos produto do espírito do tempo em que vivemos. Mas não somos escravos desse tempo, portanto, podemos perfeitamente discordar do que ele parece estar nos apontando.

E, sendo os responsáveis por nosso próprio desenvolvimento, não só podemos, mas até devemos discordar sempre que as indicações que recebemos nos pareçam estranhas. Buscar argumentos sólidos para discordar do que vemos acontecer precisa fazer parte de nosso autodesenvolvimento. É essencial termos a coragem para refletir com autonomia sobre os fatos e as situações com que nos deparamos, sem aceitarmos passivamente seguir em silêncio com o resto do rebanho e somente reproduzir e fazer repercutir as posições meramente estereotipadas de todos ao redor.

Também dei uma atenção especial ao capítulo seguinte, o 7, que trata de Neurociência. Esse é um tema superjovem, um novo e extremamente interessante modo de nos conhecermos: sabermos como nosso cérebro processa as informações e as ideias que nos permitem capturar e armazenar conhecimento e autoconhecimento. Cuido bastante, nesse capítulo, de mostrar que estamos falando de assuntos diferentes quando nos referimos a “cérebro” e a “mente”. Acho especialmente feliz o título dado a esse capítulo, que, por si só, já sugere que estamos também falando de nossa consciência: “Neurociência: via para o conhecimento do conhecimento”!

Nada mais lógico do que tratar em seguida da Inteligência Emocional. A IE é um dos temas mais apaixonantes do momento, quando se trata da educação e da gestão de pessoas. Lembro apenas um dado relevante que demonstra isso cabalmente: o Ministério da Educação do Brasil acaba de definir que, com a maior brevidade possível, as competências socioemocionais devem constituir um tema obrigatório nos currículos escolares, tanto nas classes do Ensino Fundamental I e II quanto nas do Ensino Médio. Isso consta do novo documento que estabelece o que se chama de Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Em outras palavras, os responsáveis pela educação no país estão finalmente reconhecendo que crianças e adolescentes precisam aprender a conhecer as emoções, saber de onde elas vêm e como se manifestam, assim como reconhecê-las quando são expressas por elas próprias, alunos, ou por outras pessoas com quem se relacionam. Portanto, salvo melhor juízo, a escola brasileira está, depois de muitos anos de jejum, reconhecendo a grande importância da Inteligência Emocional.

No Capítulo 9, um novo tema, impossível de deixar de lado, é focalizado: nosso mundo, nos dias de hoje tecnologicamente orientado. É preciso entender que o futuro é digital, e que esse futuro digital oferece novas perspectivas, abrindo-se em caminhos jamais experimentados antes, a propósito do autoconhecimento. No bojo dessa questão, um ponto se torna especialmente importante: a desigualdade econômica e social no mundo. Conhecer o que se passa no mundo sem levar em conta esse enorme e grave problema mundial seria impossível. E mais: como ele será tratado e resolvido?

Mas, em um registro paralelo, o leitor reconhecerá também outra linha de pensamento, sobre os ambientes empresariais em que convivemos e trabalhamos: em uma sequência lateral, cumprida pelos Capítulos 5, 6 e 9, tratamos das transformações no mundo empresarial: o Capítulo 5 tratará da evolução da gestão de pessoas nas empresas; o Capítulo 6, da ideia de um mundo melhor; e o Capítulo 9, do mundo atual em grande transformação.

Os capítulos finais, 10 e 11 voltam a rever, diretamente, o autoconhecimento, agora com foco na psicologia, obviamente minha especialidade. No Capítulo 10 retomo um dos pontos essenciais já tocados no Capítulo 7: as operações que se dão na mente humana. Nesse capítulo, introduzo ideias de um grande pensador da mente do homem e do mundo atual, que é o filósofo e psiquiatra chileno Claudio Naranjo, um de meus autores preferidos.

Com 86 anos de idade nos primeiros meses de 2019, Naranjo tem atualmente a saúde delicada, mas sua mente continua tão arguta e ágil como sempre. Entre seus

temas preferidos estão as dificuldades pelas quais passa o planeta atualmente, grande parte das quais ele atribui ao forte viés autoritário que predomina nas lideranças empresariais e políticas. Para Naranjo, essa é uma das graves causas de nossos atuais problemas de governança do planeta.

Aliás, Naranjo não o diz, mas fica implícito em sua fala em recente entrevista dada no Chile, seu país, em fevereiro último, que o mundo está precisando muito de uma “feminização” da liderança.

Trato bastante do tema neste livro: introduzo-o no Capítulo 4, ao falar dos estudos que vimos fazendo na Fellipelli, com base em dados compilados a partir das tabulações de muitas aplicações do instrumento de *assessment* MBTI. Esses estudos mostram que as características ditas “femininas” da gestão vêm ganhando proeminência sobre outras tantas de orientação tipicamente “masculinas” (lendo o capítulo o leitor entenderá melhor o que quero dizer com isso). Mas esse tema não termina aí: ele é retomado com maior vigor no Capítulo 8 e volta a ser discutido mais uma vez quando discorro sobre o Capitalismo Consciente, no Capítulo 9. Pode-se dizer, portanto, que também o tema da “feminização” da gestão (tratado com destaque, em seus livros, por um dos idealizadores do movimento do Capitalismo Consciente no mundo, o professor indiano Raj Sisodia, coautor de *Liderança Shakti: o equilíbrio do poder feminino e masculino nos negócios* [ed. HSM/ICC]) é visto aqui com certa profundidade, distribuído por vários capítulos, em uma trilha paralela.

Volto ao filósofo e psiquiatra Claudio Naranjo, agora para concluir minhas considerações iniciais: no Capítulo 11, trato especialmente de um fantástico instrumento para o autoconhecimento, cuja origem se perde nas brumas do tempo, e que felizmente chegou até nós recuperado por um místico de origem armênia, George I. Gurdjieff. Esse instrumento é o Eneagrama. O último capítulo do livro é quase inteiramente dedicado a esse instrumento de reflexão e desenvolvimento, a propósito do qual cito alguns de seus mais importantes cultores, a começar por Gurdjieff. Mas menciono também, sobre o Eneagrama, as ideias do principal discípulo de Gurdjieff, Piotr Ouspensky, assim como do filósofo boliviano que fundou o Instituto Arica no Chile, Néstor Ichazo — e, é claro, o próprio Claudio Naranjo, que enxergou no Eneagrama um instrumento único, capaz de fazer avançar o autoconhecimento e o Autodesenvolvimento das pessoas.